



José Cardoso Pires

IR AO NIMAS E VOLTAR CEGO

Longe, longe, no nevoeiro da infância, vejo-me uma noite com o meu pai no cinema de esplanada, rodeado de água e de escuridão. Chamava-se Ilha Flutuante N° 1 (um cinema com um nome destes nunca mais se pode esquecer) e ficava num lago artificial ao fundo daquilo que é hoje o Parque Eduardo VII.

Foi a primeira vez que vi um filme, essa coisa tão misteriosa e tão dominadora que apagava tudo à volta, rostos, tempo e cidade, e que depois nos ficava em sonho vivo a repetir-se na memória. Como era uma fita estrangeira e eu

Não estão ainda em circulação os filmes de João Botelho, Edgar Pera e Eduardo Guedes que constituem “As 24 Horas de Lisboa”, para mim um capítulo principal das comemorações da Capital da Cultura. Espero-os com expectativa fundamentada. Com a convicção de que, também eles, venham libertar esta cidade do mau olhado que o cinema lhe deitou durante tantos e tantos anos de cegueira.

ainda mal sabia ler para acompanhar as legendas, contei-a depois aos meus primos em várias versões muito minhas onde metia Lisboa e personagens conhecidas.

Só anos mais tarde, com a entrada para o liceu e com o primeiro cigarro comprado avulso no quiosque da Estefânia, comecei a ir ao cinema por conta própria, tu-cá, tu-lá com o Ti Mácoi, o Buque Jones e outros cowboys justi-

ceiros que vinham a galope do Far West até às matinées do Pathé, na Rua Francisco Sanches, ou do Central e do Olímpia no meridiano dos Restauradores. A seguir foi a idade dos gangsters e do macabro, James Cagney e Boris Karloff com Frankensteins pelo meio, e, mais ou menos na mesma altura, a Nova Iorque dos rapazes maus, Jackie Cooper, Mickey Rooney e outros da mesma seita.

De fitas portuguesas, nada. Ir ao nimas, para aquela maltesaria, era evadir-se da escola e do país sem aventura. Era aprender coragem e rebeldia no mundo das pradarias e da América dos arranha-céus, que aí, sim, os heróis faziam justiça por suas mãos, ao murro ou com o dedo no gatilho. Nenhuma comparação com isto aqui, pá, aqui não se passava nada.

E na Lisboa dos filmes ainda se passava menos, a gente é que só mais tarde veio a saber. Desde “A Severa” que o Leitão de Barros lançou às ratas com a ajuda do René Clair (do René Clair, quem diria) até aos “Verdes Anos”, a Lisboa do cinema foi um ver-se-te-avias de superficialidades ou de subserviências à Ditadura do Estado Novo que tem como elogio-limite “A Revolução de Maio”, essa obra-prima da comédia portuguesa realizada por António Lopes Ribeiro, o Eisenstein do Lumiar.

Filmada em pátio das cantigas com diálogos de revista e Rosas de Alfama a solfejar ou ilustrada por pais tiranos com janela para o Tejo, Lisboa ficou reduzida a uma paisagem sem alma ou a um insulto cultural a cheirar a manjerico de papel. No caso dos cineastas estrangeiros que andaram por cá a farejar os amantes do Tejo (Henri Verneuil) ou a passear o Eddie Constantine (Pierre Montazel) nada a acrescentar: a cidade não passou dum cenário barato e estamos ditos. Até Alain Tanner, com todo o seu talento, não conseguiu penetrá-la. À Lis-

boa que Vieira da Silva tinha chamado Azul chamou-lhe Cidade Branca e transformou-a num porto do Magreb para condizer com a côr.

Com tantos desastres acumulados ir ao cinema para ver Lisboa era voltar cego da cidade que se conhece e que se ama. Salvo no caso de “Os Verdes Anos” e do “Kilas”, claro. Ou do “Belarmino” que Alexandre O’Neill elegeu em poema. Ou de “O Mal Amado”, de Fernando Matos Silva, onde a descrição dum bairro pequeno-burguês como Campo de Ourique abrange “o longo inverno fascista do nosso descontentamento”, como escreveu Eduardo Prado Coelho.

Aqui, sim, está Lisboa. Mesmo quando Fernando Lopes, em “Belarmino”, a trata em questionário psicológico dum personagem real é uma certa paisagem dela que comovidamente se depreende das palavras e do olhar. E quando, por sua vez, Fonseca e Costa, com “Kilas, o Mau da Fita”, a descreve em ficção cinematográfica é outra face da verdade urbana que nos é dada com admirável expressão: a dos filhos da noite, a sua voz e os valores que os comandam.

A cidade a vários ângulos da sua geografia humana. Desde “Os Verdes Anos”, de Paulo Rocha, há um novo cinema português que a vem registando em apontamentos felizes ou em tentativas frustradas. Mas do que vi, em obra de fundo a Lisboa que me ficou foi esta.

E depois? Não estão ainda em circulação os filmes de João Botelho, Edgar Pera e Eduardo Guedes que constituem “As 24 Horas de Lisboa”, para mim um capítulo principal das comemorações da Capital da Cultura. Espero-os com expectativa fundamentada. Com a convicção de que, também eles, venham libertar esta cidade do mau olhado que o cinema lhe deitou durante tantos e tantos anos de cegueira. ●